

FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE
HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL (CPDOC)

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. A citação deve ser textual, com indicação de fonte conforme abaixo.

CABRAL, Manuel Villaverde. *Manuel Villaverde Cabral (depoimento, 2010)*. Rio de Janeiro, CPDOC/FGV, 2010. 41 p.

MANUEL VILLAVERDE CABRAL
(depoimento, 2010w)

Rio de Janeiro
2010

Transcrição

Nome do entrevistado: Manuel Villaverde Cabral

Local da entrevista: ISCTE – IUL / Lisboa - Portugal

Data da entrevista: 14 de maio de 2010

Entrevistadores: António Firmino da Costa, Helena Bomeny e Maria das Dores Guerreiro

Nome do projeto: Cientistas Sociais de Países de Língua Portuguesa (CSLP): Histórias de vida

Transcrição: Maria Izabel Cruz Bitar

Data da transcrição: 28 de agosto de 2010

Conferência de fidelidade: Carlos Subuhana

Data da conferência:

** O texto abaixo reproduz na íntegra a entrevista concedida por Manuel Villaverde Cabral em 14/05/2010. As partes destacadas em vermelho correspondem aos trechos excluídos da edição disponibilizada no portal CPDOC. A consulta à gravação integral da entrevista pode ser feita na sala de consulta do CPDOC.

Maria Guerreiro – Manuel, tínhamos ficado na tua ida para a Inglaterra, para Oxford, e depois...

M.C. – Não, Antes...

M.G. – Tínhamos ficado um pouco antes disso, portanto...

M.C. – Sim.

M.G. – ...o teu doutoramento. E seria então agora importante falar dessa tua estadia em Oxford, dessa tua experiência e do teu regresso a Portugal e como é que se articularam, a partir daí, os elementos da tua carreira. A data em que foste para lá.

M.C. – Sim, mas ficamos um pouco antes. Paramos..., no fundo, quando eu decidi fazer o doutoramento. Desisti de um projeto de mestrado, na sequência da licenciatura em literatura – continuar em literatura comparada –, desisti e fiz um primeiro ano na Ecole des Hautes Etudes, com o Fernando Medeiros, no curso do Bettelheim, que nos decepcionou um pouco. Tinha um nome pomposo, porque era sobre luta de classe e não sei o quê, e esse era o nosso grande interesse na altura, mas... Bom, e aquilo era um desfile de maoístas, de homens e mulheres que vinham da China contando...

Transcrição

M.G. – E mudaram.

M.C. – ...coisas demasiado boas para o meu ceticismo – e para o do Fernando, aliás, também. De modo que desistimos e fomos ter com o Pierre Vilar. Eu devo ter, portanto, estado inscrito... Isso deve ser, a inscrição, em 1970 e 1971, o ano escolar de 1970 e 1971, ainda na Ecole Pratique des Hautes Etudes, VI Seção; diretor, o Braudel. E começamos.

Então, aí era diferente. O Pierre Vilar era um velho comunista – penso que desativado, mas muito *staliniano*, muito stalinista. Ainda depois conversei com ele sobre o 25 de Abril, e ele, completamente cunhalista. Enfim, não estava informado, mas a reação natural. Também, já tinha idade na altura, evidentemente.

E começamos a fazer. Inicialmente, até falamos com ele no sentido de fazermos uma tese a dois, e ele disse: “Bom, eu nunca ouvi falar disso, mas se vocês fizerem o dobro, podemos ver isso”. E nós trabalhamos juntos durante bastante tempo e depois separamos o período e ficou... O período, eu pegava, digamos, no final do século XIX e princípio do século XX e ele iria até, no fundo, até ao 28 de Maio de 1926, ou, enfim, até a ditadura, até o fim do liberalismo. E no fundo, a nossa grande pergunta era: como é que o regime tinha chegado, como é que a ditadura tinha chegado e como é que... Enfim, como premissa para o próprio funcionamento do regime. Portanto, no fundo, era um prolongamento das nossas interrogações políticas, um prolongamento em termos de conhecimento e, em última instância, acadêmico, sujeitando-nos à disciplina acadêmica.

Para ele era normal. Ele, apesar de tudo, tinha sempre mantido uma vida escolar, trabalhando aqui e além. Para mim era, de fato, um regresso total, era uma mudança e que tinha realmente que ver um bocado com a ressaca, digamos, de Maio de 1968 e até dos acontecimentos em Itália, em que, de fato, perante a orientação, digamos, confrontacional que o movimento que eu acompanhava, o grupo do Potere Operaio, dirigido – dirigido, aliás, de forma muito, muito interessante – por Toni Negri, uma figura que consegue, digamos, influenciar, para não dizer dominar, as pessoas sem dizer nada... Quer dizer, tem um poder extraordinário. E continua aliás, continua igual, sempre... Brilha quase pelo que não diz, pelo que faz pensar. Mas, na verdade, desiludido e muito cansado, muito exausto.

Lembro, uma vez, uma amiga, que entretanto já morreu, a Cristina Futscher, de repente, qualquer coisa que eu disse em um daqueles jantares que a gente fazia muito, quer dizer, muito coletivo, tudo muito coletivo... Isso era bom. Isso era muito bom. Talvez fosse mesmo o

Transcrição

melhor: a dimensão existencial, quer dizer, muito vivida de todas aquelas coisas. E ela perguntou-me: “Mas tu não acreditas na revolução?”. E eu disse... Quer dizer, “tem cara de parvo”. “Mas então, por que é que fazes?” “Faço porque tenho que fazer, porque temos que fazer. Há todos os motivos para lutar contra, mais do que em prol de uma coisa concreta.”

E isso foi um bocado a minha ruptura mais ou menos definitiva com uma política propositiva, mesmo que de extrema esquerda. E depois, já depois do 25 de Abril, foi sempre a minha posição: muito contra coisas que não me agradavam, mas sem assumir a responsabilidade de resolver eu o problema. E a viragem para a investigação foi se fazendo dessa forma.

Portanto, ainda fui para... Fui para Londres uma primeira vez, com a futura mãe dos meus filhos, que era francesa e que era anglicista. Então, tinham aquele sistema, uma espécie de Erasmus *avant la lettre*, em que os franceses iam ensinar aos ingleses e os ingleses iam à França ensinar inglês, e ela foi. Tinha um pequeníssimo pecúlio e eu tive uma ajuda dos meus pais e, a par disso, fazia traduções. E foi em Londres que eu tive então...

Eu desempreguei-me. Eu tinha um bom emprego, um ótimo emprego. Para o nível dos imigrantes portugueses, um ótimo emprego. Enfim, havia quem tivesse melhor, mas não muitos. Só nas organizações internacionais. Era uma grande casa de edições técnicas, de medicina, de direito. E eu, portanto, fazia aquele trabalho até as cinco da tarde – e era muito bom porque não me gastava praticamente nenhuma energia neuronal – e depois, a partir das cinco, eu fazia a revolução. Normalmente, tinha um pequenino intervalo de uma hora para mudar, ia lá num barzinho em Saint-Germain-des-Prés, encontrava alguns amigos, ou até pessoas desconhecidas e ainda mais interessantes, e depois entrava na outra vida, completamente... Trocava o chapéu.

Porque mantive sempre, mantive a atividade, mas, digamos, cansado, sem crença no objetivo. É difícil de explicar e, é interessante, não é vulgar eu falar desse período. Estamos a falar de 1972, 1973 e 1974. Nesse sentido, o 25 de Abril salvou-me. Salvou-me. Salvou-me e deu-me uma oportunidade extraordinária.

A seguir ao 25 de Abril, fui ver o Toni Negri, fui contar-lhe um pouco o que estava a passar e tal, e havia sempre aquela multiplicidade de gente e, depois do jantar, havia uns que deitavam as cartas do tarô, uma espécie de tarô e tal, e então, deitaram as cartas para mim, e sabes o que saiu? Que eu teria uma grande carreira.

A.C. – Mas está certo.

Transcrição

M.C. – Mas, naquela altura, não havia motivo nenhum para pensar numa coisa dessas. Retrospectivamente, eu disse: “Bom, deve haver qualquer coisa na bruxaria”.

H.B. – Quer dizer que o tarô é confiável.

M.C. – Não, porque podia ter dito que eu ia ser um grande revolucionário ou qualquer coisa, mas, aparentemente, estava nas cartas que não era o caso. Eu fui **com um mocinho** português e não teve qualquer segmento. Depois os italianos vieram assistir, em turismo, o Toni Negri também esteve aqui, num dia em que havia uma manifestação contra o patriarcado e contra a Igreja, uma coisa dura que houve ali no Campo de Santana.

A.C. – [Inaudível].

M.C. – Sim. E ele, excitadíssimo com aquilo. Mais tarde também veio aquele escritor, o Balestrini. Nessa altura, eu conto isso.

Portanto, vai ser... Portanto, com o Pierre Vilar. Depois, com uma carta de Pierre Vilar, fui para Londres, mais para ir com a Sylvine do que... Mas foi ótimo, porque estava mais isolado, tinha mais tempo, e passava o dia inteiro no British Museum, na Library of the British Museum, na mesma do Lenin, exatamente a mesma sala oval com as cadeiras azuis – é muito engraçado –, em que os bons lugares eram muito procurados. E então, havia uma mocinha americana que vinha cedíssimo e tomava logo o lugar e depois dormia uma hora ou duas que lhe tinha faltado. [risos] Quer dizer, ficava ali a dormir e depois então acordava e lançava-se no seu trabalho. E era fantástico estar ali oito horas, dez horas.

M.G. – E quando exatamente foste para Londres, Manuel?

M.C. – Isto é em 1971 e 1972. Ela até ficou depois, mas eu voltei. A nossa situação era difícil, como sempre, e depois voltei, até porque também tinha que ganhar dinheiro – já tinha esgotado as hipóteses todas e tinha escrito a tese. **A tese estava escrita.** Estava escrita a tese, estavam feitos os *Materiais para a história da questão agrária* e estava escrito o futuro... a introdução à tese, que se tornou *O desenvolvimento do capitalismo em Portugal*. Estava tudo quase feito,

Transcrição

mas muito feito, de escrita automática, como diziam os surrealistas. Uma mesinha deste tamanho, um quarto e meu gabinete, que era o nosso quarto de dormir, enquanto ela ia dar as suas aulas, e tinha as coisas todas espalhadas pelo chão.

Escrever história é relativamente fácil, porque tem um suporte narrativo: as coisas que vêm primeiro, se não explicam as que vêm depois, pelo menos o contrário é difícil. O contrário é difícil. Embora, retrospectivamente, a gente perceba. Mas, claro, a retrospectiva já nós tínhamos desde o fascismo. Porque ainda estamos... Portugal ainda estava sob Caetano. Acompanhamos isso tudo.

Em Paris, entre 1967 e 1970, fazemos os *Cadernos de circunstância*, que, como eu expliquei, acabou por se dissolver. Foi um divórcio de comum acordo e muito feliz e damos-nos todos otimamente e temos ótimas recordações, porque não insistimos, no fundo, naquele risco dos movimentos esquerdistas, dos grupúsculos – e quanto mais grupuscular, pior –, de levar as tendências até ao um, até a unidade. Como dizia Fernando Pessoa, “eu pertença a uma classe de um só indivíduo”, que é, claro, o último. E é nessa altura que somos objeto – nós como todos os colegas – do esquerdismo, do ultraesquerdismo.

A ultraesquerda portuguesa é muito interessante e muito forte, e continua ainda hoje. Em Portugal havia um voto de esquerda extra... digamos, embora parlamentar, extragovernamental, de quase uns 20%. Quer dizer, é enorme. E isso tem que ver com a classe dirigente e as elites que temos, que provoca, do outro lado, uma reação do mesmo tipo, digamos. Portanto, é aquilo que o José Gil dizia, “estão bem uns para os outros”.

O José Gil escreveu um texto, numa espécie de debate que nós fizemos nos *Cadernos de Circunstância*, que desagradou particularmente ao dr. Álvaro Cunhal. Álvaro Cunhal era o líder do Partido Comunista e era um grande intelectual, como o cardeal Ratzinger. Era um grande intelectual e dedicou ao esquerdismo uma brochura importantíssima – feita, em princípio, na clandestinidade. Eu, como sou muito materialista, parti do princípio que a questão devia ser muito importante, quer dizer, dado o enorme investimento que o Cunhal e o partido fizeram na luta contra nós. Significa que era, para eles, um problema real, que existia um problema que não era imaginário. Uma coisa importante chamada *O radicalismo pequeno-burguês de fachada socialista*, onde tem um... Ficou furioso com essa observação do José Gil.

O José Gil é um filósofo português – hoje, até muito na moda, por suas interpretações da identidade nacional e da nossa condição nacional. Interpretações que, de uma forma geral, são

Transcrição

bastante corretas, mas não têm fundamento nenhum; são puramente intuitivas. Mas até nos inquéritos que nós fazemos, de fato...

H.B. – Confirmam.

M.C. – ...veem-se coisas que poderiam ir nesse sentido e que nós, obviamente, resistimos. Mas, ao mesmo tempo, é um bocadinho irresistível. E o êxito dele vem, evidentemente, daí. É uma teoria segundo a qual os portugueses são assim, e toda a gente adora porque lê aquilo na **perspectiva**. Todos os portugueses, menos o professor José Gil e eu. Todos. Ou seja, todos os portugueses, a começar pelo professor José Gil, consideram que os portugueses são assim. O que, em psicologia social, aliás, é exatamente o que deve ser, como deve ser. Portanto, os outros são assim, e provavelmente somos, quer dizer, quando todos estamos a atribuir aos outros aquilo que achamos mau, possivelmente, em nós também. E o Zé tem tido um grande êxito com isso. O Zé estava exilado há muitos anos. É de uma geração ligeiríssimamente... Bom, tinha mais um ano do que eu. Tinha e tem, porque vive.

O irmão mais velho era uma grande cabeça filosófica e foi uma pessoa muito importante na minha vida – tenho um livro que lhe está dedicado, e justamente dedicado, até porque os temas, foi ele que, a certa altura, me fez pensar nisso –, que era o Fernando Gil, que faleceu prematuramente, quando tinha 69, há três anos. Eles eram mais o que... Eu escrevi recentemente um pequeno texto a propósito de um grupo artístico muito importante em Portugal, uma espécie de neomodernistas, digamos, um relançamento do modernismo em Portugal, que é o grupo do K W Y – eram as três letras que não existem no alfabeto português, por isso é que eles puseram. E a propósito desse grupo, eu fiz uma distinção que me parece importante, e já agora retrospectivamente para o período do exílio, entre os três es: os *emigrantes*, que eram uma massa que deu aos *exilados* uma amplificação que explica de fato a importância que isso teve, embora por estudar... Mas é enorme a importância. Hoje já é um pouco menos, mas, enfim, nos últimos dez ou vinte anos, uma parte muito importante da elite portuguesa, incluindo a elite política, tinha feito um estágio mais ou menos forçado no estrangeiro. Só aqui neste corredor havia três ou quatro: António Barreto, eu, o Alexandre e o Lucena. Só aqui havia quatro. Normalmente, fugindo ao serviço militar, aquilo que eu tinha falado da outra vez, os chamados refratários e alguns desertores. Então, uma diferença entre emigrantes; exilados, que eu caracterizava como aqueles que tinham ficado com o rabo preso em Portugal, quer dizer, que

Transcrição

ficavam a olhar para trás – o que fez também com que eu nunca me visse a fazer carreira em França em nada, fosse profissional ou acadêmica, porque estava sempre com a cabeça virada para trás em todos os sentidos, incluindo o sentido negativo –; e depois, aqueles que realmente não tinham ficado a olhar para trás e que se tinham, digamos, disperso no ambiente francês, parisiense, e em outros – em Londres sobretudo também havia pessoas, mas, enfim, o grupo maior...

O grupo maior era Paris por quê? Porque era muito fácil trabalhar, arranjar emprego. Era muito fácil. A gente chegava e... E se não gostava, mudava no dia seguinte. Os anos 1960 tinham esse lado fantástico, porque a gente podia sempre trabalhar, ganhar um pouco de dinheiro.

E aquilo a que eu chamei... A palavra existe, evidentemente. Até há uma tese brasileira que eu nunca consegui pôr a mão, mas que trata exatamente deste tema. E os outros são os *expatriados*. Portanto, emigrantes, exilados e expatriados. Onde eu dou a entender que os expatriados é que eram os espertos, sobretudo na arte, na ciência, na filosofia. Menos na literatura.

Já escrevi um bocadinho sobre isso. Porque a literatura, por causa da língua, ficam amarrados. Ficamos. Quer dizer, mesmo uma pessoa que esteja fora, fica um bocado amarrada à língua. Ver o Nabokov, que, mesmo escrevendo em inglês, está sempre a escrever sobre a Rússia – embora tenha escrito um grande livro sobre os Estados Unidos, sobre a... *on the road*, muito melhor que o *On the road*, que é *Lolita*, que parece aqueles filmes dos anos 1950, dos carros que paravam naquelas bombas de gasolina. É absolutamente fantástico.

Ora bem... Portanto, fechando... No fundo, para fechar o período do exílio, que eu classifico da seguinte forma: fiquei eternamente grato ao dr. Salazar ter me empurrado de Portugal para fora e obrigar-me a fazer uma experiência, uma reciclagem que seguramente fez de mim uma pessoa diferente e, enfim, mais aberta e mais conhecedora do que se passava lá fora e descobrindo, ao mesmo tempo – e isso é uma coisa que me ficou até hoje e que me irrita muito que não seja reconhecido universalmente, como seria justo –, que Portugal tem imenso a ver com tudo isso e que tem, inclusivamente, uma contribuição a dar, no sentido de o caso português.

A experiência portuguesa, pela semelhança e pelas diferenças, podia enriquecer muito toda a nossa visão, digamos assim, da modernidade e pós-modernidade europeias. Um ponto de vista, até pela longa história colonial, que também não é única, mas que é muito diferente. Até

Transcrição

por isso. Eu acabo a minha tese dizendo, um bocadinho à Wittgenstein: “E disse tudo o que disse, mas não falei do essencial”, que seriam as colônias, que, no fundo, explicavam. Muito da política portuguesa não era decidida, não era feita em função de Portugal, mas em função das colônias. Isso é uma coisa que o Valentim Alexandre, aqui ao lado, tem ultimamente trabalhado bastante, a mostrar... Incluindo o Estado Novo, evidentemente.

Entre muitas das suas causas está o ideia, digamos, de uma parte da elite, que agora nós consideramos conservadora e super-reacionária e autoritária etc., mas tinha que ver com a má gestão dos liberais, relativamente, **ou alegada**, quer dizer, em todo caso, à má gestão do império. E é verdade que o Salazar conseguiu fazer um império, e não só uma coleção de entrepostos, como mais ou menos as colônias africanas foram durante o liberalismo. Embora, já no fim do século XIX, comece... Sob a pressão inglesa. Sob a própria pressão inglesa, Portugal sentiu o desafio de fazer um império. Isso começa com figuras, lá está, que ninguém conhece e que são absolutamente fascinantes, como Mouzinho de Albuquerque, quer dizer, portanto, aqueles militares africanistas que se tornam políticos. Pronto, aí está uma contribuição que, provavelmente, também tem semelhanças com a França, mas não terá com mais país nenhum. Bem, com a Inglaterra, naturalmente, numa escala e num idioma diferentes.

Entretanto, estava eu em Paris exatamente a escrever... Tinha me zangado com a Sylvine e então decidi vingar-me escrevendo, voltando à tese. Entretanto, depois... Foi muito confuso o regresso de Londres a Paris. Foi muito confuso. Eu estava de fato... Mesmo houve um dia que eu devia estar... Falei com o Fernando Gil e devia estar realmente... Acho que não tive uma depressão porque não tinha meios, quer dizer, **[inaudível]**. Eu tinha que trabalhar, tinha que me levantar e portanto não tinha condição para... Mas se tivesse um bocadinho de dinheiro do lado, talvez até tivesse me deliciado com uma pequena depressão. E ele deve ter sentido, porque depois de a gente desligar, dez minutos depois ele ligou e disse: “Vem cá jantar”, e arranjou uma festinha e não sei o quê, e eu já depois saí com uma amiga e tal – *en tout bien tout honneur*. Mais tarde, *en tout mal*, mas naquele dia, tudo honrado. Mas realmente foi uma coisa que eu lhe fiquei sempre a dever – não direi a vida, mas uma depressão, e já não seria pouco –, a sensibilidade que ele teve.

Ele costumava dizer, quando estava zangado comigo, dizia, ou escrevia: “Como tu sabes, tu és o meu melhor amigo”. E eu dizia: “O que é que eu fiz?”. Era uma pessoa super, super, superexigente. O Zé, o irmão, me dizia: “És o único que o aguenta”. Era muito **impressionante**. E isso também era muito bom, porque obrigava-nos a puxar das reservas.

Transcrição

Como digo, o 25 de Abril salvou-me e ofereceu-me uma oportunidade em que eu nem pensava. Mas, de fato, também não me enganei. Porque imediatamente, quando nós ouvimos as notícias, eu estava em um outro quartinho, mais ou menos do mesmo tamanho, em uma mesa mais... aí, talvez, porventura mais pequena, e estava a escrever a versão portuguesa de *O desenvolvimento do capitalismo*. Tinha decidido pegar por aí para fazer um livro. Portanto, a parte narrativa empírica estava totalmente feita e eu pus-me a fazer uma introdução à tese, uma parte da qual era a introdução ao período do século XIX. Porque a minha tese é de 1890 a 1914, portanto, eu pego em Pombal e vou, muito superficialmente...

Essa parte toda é em segunda mão. E só começo a investigar propriamente a partir de mil oitocentos e... portanto, em fontes primárias, como eles dizem, com muito pouco acesso a arquivos. Porque a única documentação de natureza arquivística que eu tive acesso foi em Inglaterra. Sobretudo na London School of Economics, tinha muita coisa sobre Portugal. Ou seja, Portugal era monitorado absolutamente à hora, ao minuto. Sabiam tudo sobre Portugal. Reuniam toda a informação. Às vezes, eu abria... Ou seja, as estatísticas, ninguém as tinha visto. Elas estavam lá todas, *just in case*. Como em Oxford vim a perceber – nunca fiz nada com isso, mas achei fascinante – a documentação sobre o período da restauração, que é um período fundamental para eles, porque é quando a Inglaterra retoma o controle de Portugal *vis-à-vis* da Espanha. Mas era fantástico! É extraordinário, aliás, que alguns historiadores portugueses não tenham lá ido ver o que eles lá têm.

Bom, voltando. E então, fiz essa... E portanto, a partir de 1840 e 1850, pronto, é que eu começo a encontrar a documentação original, que não tinha sido tratada. O que aliás, na época, era relativamente fácil, porque a historiografia... A Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, até 25 de abril de 1974, nunca admitiu uma tese de história sobre o século XIX. Não há. Há teses de licenciatura: Mário Soares fez uma, por exemplo, sobre o Teófilo Braga e as ideias republicanas [*As ideias políticas e sociais de Teófilo Braga*]; Piteira Santos fez uma sobre o que ele chama de história e geografia da Revolução de 1820 [*Geografia e economia da Revolução de 1820*], que é uma repetição do texto fantástico do Jaime Cortesão, que ele fez no Brasil, *A geografia e a economia da restauração*, mostrando que toda essa geografia e economia é o triângulo Angola-Brasil que permite, digamos, a elite aristocrática portuguesa... aristocrática e... digamos, a elite portuguesa restaurar a independência, mas recriando, naturalmente, uma dependência em relação à Inglaterra.

Transcrição

Porque, no fundo, a história de Portugal tem sido essa, quer dizer, ou era a Espanha ou era a Inglaterra. É como eu costumava dizer: sem a dependência inglesa, Portugal nunca seria mais do que Catalunha, na melhor das hipóteses; mais provavelmente, Galiza. Portanto, era o preço. Isso é uma discussão com o Halpern em particular, que nunca se aperceberam da função da dependência britânica. A dependência britânica era isso. Era um país que em 1850 tem 1,5 milhão de habitantes e assegura territórios... E que em 1600...

Há um livro muito interessante sobre como os portugueses foram obrigados a abandonar Ceilão, e há um estudo que mostra que o Conselho Ultramarino, que às vezes é tomado por parvo, ao deliberar e ao optar... Portugal estava em guerra com a Holanda, desde Ceilão até Pernambuco, e disse: “Nós, o nosso interesse é o Brasil, e portanto, abandonamos Ceilão”. E mandaram as ordens para Ceilão, a dizer: “Abandonamos”. Só que o tempo de as ordens lá chegarem, os portugueses tinham morrido todos, a defender aquilo. É interessante. Quer dizer, para o bem e para o mal, naturalmente. Falar de colonialismo é sempre um bocadinho delicado, para os colonos não é... para os colonizadores. Mas a estratégia era claríssima e inteligente, as opções eram feitas e os recursos, escassos, usados de uma forma racional, quer dizer, ao contrário do que às vezes... Racional do ponto de vista do colonizador, naturalmente. Enfim, não é preciso ser Max Weber para perceber o ponto de vista.

Portanto, quando saí de Londres e voltei para Paris, vinha bastante deprimido, como eu disse, e a vingança foi começar a escrever, e estava eu a acabar a versão portuguesa de *O desenvolvimento do capitalismo* quando a Cristina Futscher telefona e diz: “Já sabes? A revolução!”. “Qual revolução?” “Em Portugal.” “Qual Portugal?” “Portugal, o nosso. A revolução. Caiu.” Ela era filha do embaixador Vasco Futscher Pereira, que foi o único embaixador português que aderiu à revolução antes de ela estar acabada. Ele estava embaixador em Bonn, na Alemanha. E ele, enfim, provavelmente, informou à filha, que trabalhava na OCDE, era economista na OCDE, com a... A Leonor Coutinho trabalhou por lá. E ela telefonou-me para... E a partir disso... Pronto. Nesse dia, parou tudo e o tal manuscrito – ou datiloscrito – ficou, durante quase dois anos, guardado. Guardado. Nada perdido.

H.B. – Mas a notícia te surpreendeu, particularmente?

M.C. – Quer dizer, nós estávamos... Tínhamos muita informação. Eu tinha, inclusivamente, falado com o meu irmão – meu irmão tinha estado preso e tinha sido libertado. Houve uma

Transcrição

tentativa de golpe anterior, em 16 de março, que foi esmagada no ovo, e nessa altura, eu telefonei e falei com o meu irmão, que tinha feito uma pequena estadia na cadeia antes, por coisas ligadas ao jornalismo e tal. E eu disse: “Então, isto agora está tudo acabado?”. E ele disse: “Não, não, isto está vivo”. Bom, e que alguma coisa, eles saberiam. E nós tínhamos muita informação e até alguma intervenção.

O grupo dos *Cadernos de circunstância*, o grupo obreirista que eu liderava, continuou e fizemos um jornalzinho que distribuíamos em Portugal, chamado *A classe, La classe*. Mas isso já é depois... Não, isso é antes de 25 de Abril, é claro. Sim, nessa altura, eu já conhecia os italianos, evidentemente. E tinha o José Maria Carvalho Ferreira que vinha a Portugal. Ele tinha possibilidade de vir e até conhecia uns proletas. E fomos visitados pelo futuro comandante Almada Contreiras. Porque no nosso grupo tínhamos dois marinheiros, dois desertores da Marinha de Guerra: João Freire e um rapaz chamado Jorge Valadas. E havia mais. Aliás, havia bastantes. Talvez mais, ou pelo menos eu notei mais do que do próprio Exército. Mas, enfim, por circunstâncias fortuitas, nós tínhamos uma forte ligação aos oposicionistas dentro da Marinha de Guerra portuguesa, de tal maneira que mandávamos propaganda nos navios que vinham à reparação em França. Levávamos as nossas coisas e os oficiais traziam aquilo para Portugal. Aliás, o João Ferreira de Almeida ainda recebeu alguma dessa literatura. **Vou vos contar.**

Aliás, um deles era um rapaz muito simpático, Francisco qualquer coisa... Hei de me lembrar. Depois foi lugar-tenente do Rosa Coutinho durante a revolução, portanto, não era pouca coisa. Francisco... Agora não consigo me lembrar. Às vezes o vejo por aí.

E então o Contreiras veio perguntar o que nós achávamos da possibilidade de um golpe militar e não sei o quê, e lembro perfeitamente de ele dizer: “Mui tarde [inaudível]”. Como esquerdista empedernido... Eu nem sabia quem ele era. Eu não sabia quem ele era. Depois é que ele se identificou. Ele conhecia alguém que conhecia o José Maria e vieram, lembro perfeitamente, ali no boulevard de Port-Royal. Isto era na primavera. Estava um tempo maravilhoso, estávamos cá fora e ele a contar-me...

Portanto, sim, não foi uma surpresa total.

Depois o nosso controle foi dos presos políticos, se libertavam ou se não libertavam, e esperamos ali 48 horas, porque, digamos, os moderados ainda queriam separar os crimes de sangue dos outros e não sei quê. E como, ainda por cima, alguns dos crimes de sangue eram pessoas próximas de nós – com quem já não tínhamos relação nenhuma, mas, enfim... que era o

Transcrição

Chico Martins da Silva, o Rui d’Espiney e tal. Bom, e sobretudo era um sinal para nós, quer dizer, para saber até onde é que ia a anistia, chamemos assim, ou até onde é que ia a abertura.

Bom, e quando esse problema ficou decidido, nos metemos num Volkswagen, o José Hipólito dos Santos, o Fernando Medeiros e eu e um amigo brasileiro, um rapaz brasileiro que olhava ali as novidades sobre Portugal, que devia ser um exilado e que nos perguntou se podia vir conosco. Eu disse: “Venha”. E aí veio. E íamos-nos matando na estrada, porque não parávamos e, a certa altura, acho que adormeci e alguém... e lá me acordaram, antes de sair completamente da estrada. E chegamos, portanto, no dia 30 de abril – dia 29 à noite, 30 de abril – para o grande 1º de Maio.

Nessa altura, eu até me deixei associar ao grupo que iria ser o do MES [Movimento de Esquerda Socialista]. Depois, discutia-se se havia de ser MES ou MER (Movimento da Esquerda Revolucionária), que seria o MIR chileno. O Chile era muito invocado, porque eu achava que dava um azar do caraças, quer dizer, que era uma coisa que... [Eu achava] que não se devia falar no Chile. “O povo unido jamais será vencido.” Bom, esperemos que desta vez assim seja.

Nesse período, portanto, eu depois tentei fazer, com um grupinho... Portanto, apareceram pessoas e teceu-se ali uma pequenina rede. Portanto, realmente, sou uma espécie de Pedro, o pescador, que foi o que inventou a rede. E fizemos um grupinho em que havia o José Loureiro, que nos tinha visitado, que tinham feito uma revista muito interessante, no Porto, antes de 25 de Abril, que era os *Cadernos Necessários*, e nos tinha posto em contato com um grupo muito, muito interessante da Faculdade de Economia, do Iseg, onde estava o Ferro Rodrigues e o Félix Ribeiro. Chamava *Cadernos*... Não me lembro. Muito obreirista. Parecia que tinham ouvido falar dos italianos. E talvez tivessem, do *Quaderni rossi* sobretudo, que é a grande revista, anterior a isto tudo, e que é superinteressante, a fenomenologia do trabalho. Quer dizer, aquilo é a sociologia do trabalho da mais alta qualidade, até porque justamente não está presa aos deveres da disciplina.

E fizemos ali uma pequena rede, que se reunia no escritório do advogado José António Pinto Ribeiro, com algum conforto, e havia um misto... No 28 de setembro, que é quando... É o primeiro grande passo, digamos assim, do... É a abertura daquilo a que se ficou a chamar o Processo Revolucionário em Curso (Prec), portanto, quando a facção spinolista, a facção moderada do Movimento das Forças Armadas foi vencida, é vencida pela primeira vez, e sê-lo-á ainda mais uma vez, no 11 de março.

Transcrição

Eu não estava em Portugal – eu tinha ido ver a Sylvine, que tinha ficado em França –, e quando voltei, apercebi-me de que, na melhor das hipóteses, estaríamos a tirar castanhas do lume para o PC as comer, e isso era uma coisa que eu não faria. Quer dizer, eu já tinha resolvido esse problema há muito tempo, no Maio de 1968, que para mim terminou justamente diante do grande **estaleiro** de Montparnasse, onde estavam a construir aquelas monstruosidades que lá estão agora e onde havia alguns trabalhadores portugueses. Enfim, a minha função era tentar impedir o regresso ao trabalho – já assinados os acordos e tal –, e o PC também estava, com uma missão oposta: de acabar com a greve. E quando, a certa altura, a gente começou a aproximar-se uns dos outros, não chegou a haver tabefes, mas já estivemos muito perto, e depois apercebi-me que eles tinham chamado a polícia. E nessa altura eu decidi não ser apanhado, ainda por cima como estrangeiro.

Os portugueses são, a seguir aos árabes, sobretudo argelinos – aos marroquinos e tunisianos, mas sobretudo argelinos –, a seguir, digamos, aos magrebinos, os portugueses são o contingente mais forte de expulsos de França em Maio de 1968, de malta apanhada, sobretudo gente apanhada na rua. Quer dizer, são presos, vêm os papéis, não têm os papéis em ordem... Eu fui apanhado aliás, depois, no rescaldo, estupidamente – estava desprevenido, porque julgava que já tinha acabado –, e lá me safei, mas eles fartaram-se de olhar para os papéis. Mas, enfim, eu tinha um bom emprego e tal e lá me deixaram em paz.

E nessa altura... Bom, e então, fizeram uma reunião... fizemos uma reunião lá no escritório, ali na rua Castilho na altura, e à saída eu disse ao José António: “Para mim acabou. Para mim acabou”. Eu entretanto... Portanto, exatamente... Não é coincidência. Isto é outubro de 1974, em que eu tinha começado a trabalhar no ISCTE [Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa], em que o meu colega Marinús Pires de Lima, com quem, durante o verão, nós tínhamos feito um trabalho, que está publicado, sobre os movimentos, com a Maria de Lourdes Lima dos Santos, onde tem uma coisa minha sobre a fábrica de máquinas de escrever Messa, um estudo *a la* Alquati, digamos, em que eu descobri...

Por exemplo, a questão do gênero era incrível, incrível. Eu nem descobria, quer dizer... Quando falavam das raparigas e tal, então havia... Portanto, um operário, de quem este falava e cuja filha estava lá a trabalhar, e ele dizia: “Ele não precisa, mas ele quer o dinheiro, porque um homem, um pai de família não põe a filha a trabalhar na fábrica”. Porque era mesmo uma questão moral. Não ética; moral. Quer dizer, é perigoso, uma moça largada ali na fábrica. Em 1974 e 1975, exatamente. Não sei se escrevi sobre isso, mas alguma nota é capaz de haver. E

Transcrição

tentar compreender um bocado por que aquela fábrica e não outra. Havia aquele **UMR**, que fez várias, e nós andamos um bocadinho até com eles, na Timex.

E então eu disse: “Acabou”. E realmente acabou. Durante oito anos, eu disse: “Minha carreira política terminou”. Porque tinha começado a minha carreira universitária. Porque no dia em que eu entrei à porta do ISCTE, lá embaixo, naquele edificíozinho que está ali e comecei a dar aulas, eu já tinha dito isso, realmente tive essa sensação de ter sido salvo. E cheguei, atingi o meu objetivo. E foi fantástico. Ainda hoje tenho trabalhos dos alunos, alguns grupos de alunos dessa altura.

M.G. – E já tinhas encerrado a tua estadia em Paris?

M.C. – Sim, claro. Eu vim... Viemos logo. Estive aqui uma semana muito interessante; fiz um texto com o Ferro Rodrigues, digamos, a desmascarar a natureza militar do golpe e que era preciso fazer mais coisas para, enfim, salvarmos, resgataros o gesto dos militares – portanto, para nos apropriarmos do golpe deles. E apropriamos, *as a matter of fact*, até nos apropriamos, de certa maneira. Não completamente. No fim do dia... Não, nunca completamente, evidentemente. Deve ser um texto completamente idiota, mas eu gostaria de o rever. Fizemos os dois em casa dele e tenho a certeza que ele se lembra. Deve ser ele que tem o texto. Eu não o tenho.

M.G. – Quando entraste para o ISCTE, que disciplinas ficaste...?

M.C. – Fui fazer o Seminário de Investigação – portanto, era o último ano, creio eu, ou os dois últimos anos, quarto e quinto, talvez –, e a minha cadeira chamava-se história social e econômica de Portugal contemporâneo. E era isso, era século XIX e XX e contava aquelas coisas que já contei aqui um bocadinho. E era uma novidade absoluta.

O meu livro, o primeiro que sai... O primeiro que sai, ainda creio que... Ah, porque eu mandei *Os materiais* em 1972, para a Inova, para o José Cruz Santos, que era um amigo meu que tinha trabalhado comigo na Europa-América, no meu período, em que cheguei a diretor da Ulisseia, mas isso já vos contei. E mandei-lhe o livro e ele não se atreveu a publicar. Porque na antologia tinha dois textos fundamentais: um texto do Salazar absolutamente fantástico, de 1916, que... Porque o Salazar mandou recolher todos os livros que ele tinha escrito antes de

Transcrição

tomar o poder. Uma Nossa Senhora de Fátima: limpou o rastro, para acentuar a ideia de que um dia ele chegou, em abril de 1928. Até mesmo a parte de 1926. Os antiquários tinham instruções para que quando aparecesse um exemplar... Tinha dois livros publicados: *O ágio do ouro*, que é um livro fantástico... É uma crítica das elites devastadora, que a certa altura diz: “O povo poderia ter-se revoltado, mas preferiu votar a classe dirigente ao mais completo desprezo”, escreveu ele, em 1915, sobre a crise de 1891, que é exatamente como esta agora. Aqui, o povo ainda não os votou ao desprezo merecido.

Eu já citei essa frase. Hesitei muito tempo em usá-la no contexto atual, mas um dia eu disse: “Não, é agora!”. E depois, com todos os [inaudível], “no contexto do livro o dr. Salazar escreveu um dia...” Paf! “E façamos o possível para que não volte a acontecer.” E voltou. E é isso que... E votou ao desprezo. E é por isso, evidentemente, que tens aquelas eleições em que 40% ou 50% das pessoas não votam e está essa desilusão, que, evidentemente, não serve a ninguém, mas que é legível, cultural e sociologicamente e politicamente. Onde é que estamos?

M.G. – Estavas no ISCTE.

M.C. – Estávamos no ISCTE, a fazer...

M.G. – O seminário.

M.C. – Exatamente. E felicíssimo da vida. Até o dia em que, como a felicidade não era suficiente, veio mais felicidade. Entretanto, tinha havido um episódio, esse, infelizmente, muito pouco auspicioso, mas que tem tido um segmento tão bom quanto possível: entretanto, tivemos um filho que tem um problema mínimo, um déficit ligeiro, mas, enfim, suficiente para lhe estragar a vida em grande parte. Mas, enfim, tem muita autonomia. Tem 30 e não sei quantos anos. E vínhamos nós, lembrei-me, porque entretanto, vínhamos nós do verão em França, de férias que passávamos com os pais da minha mulher, com a criança, com o rapazinho, o Nicolau, e quando cheguei, havia um anúncio no jornal: uma bolsa em Oxford.

Ela era anglicista, a adaptação a Portugal nem sempre era a melhor... Quer dizer, ainda hoje há muita coisa que me dá a volta. Aliás, aos portugueses que não viveram lá fora também dá. Bom, a quem viveu lá fora, evidentemente, dá mais ainda, não é? E sem cair em elitismos, é verdade que havia coisas que nos surpreendiam e que eram difíceis até para ela. E então

Transcrição

perguntei-lhe: “Gostavas de ir?” “Ah, adorava! Era fantástico!” E mandei a candidatura e ganhei. Curiosamente, pouquíssimas pessoas se candidataram.

Bom, é uma história fantástica, essa história dessa bolsa. Porque essa bolsa era uma bolsa criada pela Fundação Gulbenkian, no Colégio St. Antony’s, em Oxford, e que tinha um destinatário, que era uma pessoa a quem o novo regime queria agradecer os favores e apoios. E essa pessoa, coitada, teve tanto azar que recebeu a bolsa, como estava previsto, e chegou ao aeroporto de Londres e teve um ataque do coração. Ainda o levaram a correr para... E morreu e a bolsa ficou. E então, os nossos altos dirigentes não tinham ninguém para mandar, e houve alguém, uma lenda, um do PSD, que foi chatear o PS e disse: “Ah, mas podíamos fazer um concurso público”. E os outros: “Então, faça lá”. E fizeram e eu ganhei, com o apoio, em Oxford e em Portugal, por exemplo, de pessoas que estavam muito ligadas ao colégio ainda naquela altura, que era o José Cutileiro, por um lado, que era adido cultural na embaixada e que tinha feito o doutoramento em antropologia em Oxford nesse mesmo colégio e que tinha sido... ainda era, aliás, era assistente, *a lecturer* na London School of Economics, na parte de antropologia mediterrânica. E pronto, e eles acharam...

Eu já tinha algumas coisas publicadas, tinha o doutoramento praticamente terminado. Terminado ele estava; não estava defendido, mas, enfim, era quase como se estivesse. No fundo, foi uma espécie de pós-doc, quando ainda não havia os pós-docs. E estive três anos.

Bom, e aí fenece, se não falece, o adolescente rebelde, digamos. Villaverde rebelde, Villaverde, o rebelde. Retrato de jovem enquanto rebelde. E é aí que sou... Uns diriam, os psicanalistas... Um psicanalista que eu consultei uma vez em Paris diria que eu, enfim, tinha finalmente feito as pazes com o mundo como ele é. Ou, dito pelo resto de rebelde do Villaverde, que eles me corromperam. [*risos*] Corromperam, pelo bem, pelo acolhimento, pelo tratamento igual, pela paridade, pela abertura, por uma democracia de base – só para nós, naturalmente, evidentemente – verdadeiramente ateniense. Exatamente, os outros estavam lá fora.

Era de tal maneira que a Senior Common Room do colégio – portanto, dos *seniors* – onde, aliás, só os mais empertigados iam... O Hermínio e eu íamos sempre para a Junior. Mas quando um *junior* precisa falar de com um professor que estava na Senior, não entrava à porta. Ficava à porta, a fazer sinais, para ver se o professor saía ou, eventualmente, a dizer: “Entre”. Mas ele não entrava sem ser convidado. Hoje, não sei como é. Acho que já está um bocado abandalhado aquilo. Mesmo está cheio de americanos e de japoneses, quer dizer, já não é bem, bem o que era.

Transcrição

Tive algumas... Foi uma epifania completa. Aliás, já tinha tido uma, não vos contei, não há tempo. Já tinha tido uma. Portanto, foi por etapas. Tinha tido uma epifania no verão de 1975, completamente, em que eu vivi com o António Alçada Batista no alto da Serra de Sintra a cavar batatas. Eu trabalhava; ele ficava lá. Eu ia à cidade: “Vou a Portugal e volto já.” “Vamos fechar a fronteira”, à noite, fechávamos o portão. Essa casa ardeu, já não existe. Era uma maravilha, que ele tinha arranjado lá pelas suas relações sociais. E aí tive uma epifania. Cavava a terra, a libertar-me de fantasmas. Quer dizer, realmente. Pensava... Os meus colegas diziam assim... E depois via as batatas e as favas e as ervilhas. E ainda continuei. Isso durou quase dois anos. Depois fui viver em Sintra, com a Sylvine, quando ela veio. Publicamos um livro com o Loureiro sobre a utopia camponesa, depois da utopia operária, que é esse livrinho, exatamente. Tem muita coisa sobre a utopia operária. É a minha despedida, é o meu luto. Foi um luto muito difícil. Ainda não está completamente acabado.

M.G. – Nesta altura, quando foste para a Inglaterra, já tinhas também uma ligação ao GIS [Gabinete de Investigações Sociais].

M.C. – Tinha. Exatamente. Eu fui convidado para o GIS em 1975 e fui para a Inglaterra em 1976, em novembro de 1976. Quer dizer, demorou um pouco e tal. Fui em novembro de 1976. Exatamente, em novembro de 1976.

M.G. – Foi.

M.C. – Foi, foi. Sim, o Nic tinha seis meses, vinha deitadinho lá atrás, no carro, no Peugeot. Eu tive sempre muitos Peugeots. Agora é que já não tenho. Era dado pelos meus sogros franceses. Ficou a marca francesa. É isso e as ostras e os *escargots*, os queijos e essas coisas boas da França.

A França é um país absolutamente fantástico, onde eu não fui feliz, quer dizer, ficou-me um bocado.. O Fernando Gil, aliás, é que me explicou. Um dia, ele disse... Eu dizia: “Tenho essa coisa...”. “É natural, quer dizer, eles, também, nunca fizeram nada por ti, nunca nem deram um passo.” E ele sim. Ele, apesar de tudo, acabou por ter uma boa carreira em França, mas também muito difícil, muito difícil. É muito fechado.

Transcrição

Uma observação sociológica: um emigrante, um exilado, um expatriado – os expatriados e os exilados, normalmente, de classe média e, às vezes, para cima – podiam namorar e casar, eventualmente, em Paris, mas normalmente era ou com estrangeiras ou, na melhor das hipóteses, com provinciais, aquilo que se chama *le provincial*. Com uma parisiense, não conheço nenhum. Eu próprio, a Sylvine era uma *provinciale* que tinha vindo de Limoges atraída pelo Maio de 1968, já tarde, porque em maio de 1968 ela ainda era muito jovem, mas veio logo a seguir, fazer a sua licenciaturazinha e tal. Não conheço ninguém. Deve haver, claro. Há sempre uma exceção. Mas, ou seja, um homem de fora nunca estava ao nível das mulheres de dentro. Portanto, a gente arranjava-se com as mulheres de fora, digamos. *Si ni* dentro, *si ni* fora, digamos.

Eu escrevi um grande texto – um grande texto, quer dizer, um texto comprido –, em francês, a pedido, que nunca foi publicado nem será, mas que se chama *Le charme de l'exil* – é escrito em francês – e que é um bocado sobre os bárbaros rodeando a fortaleza, e eles lá dentro. Nesse aspecto, é muito diferente da Inglaterra, de fato. Na Inglaterra... Bom, Oxford não é a Inglaterra, não tem nada que ver, e pouco tem a ver com Cambridge, que já é outra... deve ser uma coisa... Bom, imagino que seja semelhante. Mas é isso. E depois, é um cosmopolitismo total, quer dizer, as nacionalidades não interessam, e umas erudições absolutamente extraordinárias. Um dia, a Sylvine ficou... Aquilo tem uns cerimoniais. Então, eles têm um cerimonial ao jantar que chamam *high table*. E nos colégios antigos, as mesas são, efetivamente... Há uma mesa com dois degraus, acima da estudantada. Tudo em comum, mas com a diferença marcada. No nosso colégio não, porque era um colégio moderno, mas estava separada: estava posta assim, enquanto que as outras estavam assim. E era muito simples. Tinha um mínimo do ritual, mas, nesse ritual, incluía um procedimento que era: quando acabava, digamos, o prato principal, toda a gente se levantava, eles tiravam as capas – os de fora não usam, mesmo os que são académicos –, tiravam as capas e íamos tomar a sobremesa e o vinho do Porto e o vinho da Madeira – os melhores vinhos do Porto e da Madeira que eu bebi na minha vida eram os da cave do St. Anthony's e de outros colégios de Oxford –, e as pessoas mudavam de posição, para *socialize*, para socializar. E a minha mulher foi parar ao lado do *Japanese Rising Scholar*, um senhor já de uma certa idade, chamava-se **Tori**, e então ele... quem é a menina e tal, e ela... Acho que uma vez perguntaram isso, “e então, você também é investigadora?”, e ela disse: “*No. I'm just a wife*”. [risos] Mas nesse dia, estava bem-disposta e disse que não, que era a *wife* do *portuguese fellow*, e ele disse: “Ah, *portuguese*! Então você

Transcrição

deve conhecer, com certeza, Wenceslau de Moraes”. E ela... Eu tinha já dado alguma educação portuguesa, mas ainda não tinha chegado a Wenceslau de Moraes. E ele disse: “Sabe, eu tive que aprender português, porque Wenceslau de Moraes é uma fonte importante para o Japão”. Quando ela me contou, eu disse: “Ora bem, erudição é isso, está ali uma fonte em português, vou aprender português”.

M.G. – Talvez possas falar um bocadinho do GIS, o percurso dentro do GIS, que é durante mais ou menos oito anos, e depois tu voltaste.

M.C. – Agora é menos interessante, exatamente, a parte...

M.G. – Temos alguns tópicos que talvez possamos lembrar: assistente convidado da Faculdade de Letras, de 1974 a 1976; investigador do GIS a partir de 1975 e até 1982; investigador visitante em Oxford, que já falaste; depois, professor auxiliar do ISCTE de sociologia rural, de 1979 a 1986, e foi aí que a gente se conheceu...

M.C. – Foi. Tu foste minha aluna?

M.G. – Não, não. Entramos para o ISCTE em 1979. Nós não escolhemos sociologia rural; só escolhemos...

M.C. – Claro. Não sabem o que perderam.

M.G. – Exatamente.

M.C. – Escolheram sociologia do trabalho, sociologia...

H.B. – É interessante isso, ter sociologia rural.

M.G. – Sociologia do trabalho, sociologia política...

M.C. – Sociologia urbana.

Transcrição

M.G. – Exato. E antropologia. Fizemos essa parte com o Joaquim Pais de Brito. Portanto, depois tens aqui: investigador principal...

M.C. – Eu nunca me queixei. Tivemos sempre muitos alunos, e bons.

M.G. – Podes falar um bocadinho mais do GIS e do Sedas Nunes.

M.C. – Sim, claro.

H.B. – Porque aí liga com as outras.

M.G. – Porque ligas com a entrevista do João. E o que aqui temos mais?

M.C. – Mas agora já é menos interessante.

M.G. – Os Estados Unidos da América, em 1986.

M.C. – Sim. Isso foi puramente académico. Ali não se passava nada. Aborrecia-me de tal maneira que, em dois meses, li a *Ode marítima* duas vezes, lá na minha casa, em voz alta, aos gritos. Era um tédio. E o tédio o que é? É extremamente propício à atividade académica, à produção académica, é claro. Essa história eu posso dizer, que é para...

H.B. – Pode, pode, porque é ótima.

H.B. – Aliás, lá está porque o Boaventura escreve tanto. Quer dizer... Porque ele é [*palavra em off*], que é pior que Oxford. Mas muito pior. Porque são campos *scholastics*. O Baudrillard chama de *le désert*. Há um livro que ele... O *désert*, e o exemplo do deserto é um campus universitário americano. Sei lá, Austin, Texas. Bom, deve ser *a splendid*... enfim, para um europeu normal, digamos, um vetero-europeu., *a la* Luhmann. [*risos*] Uma vez, [*inaudível*] disse-me... Encontrei-o numa coisa e depois conversamos, e ele tinha falado nos Estados Unidos, na Europa e nos Estados Unidos e tinha explicado... Quando chegou nos Estados

Transcrição

Unidos, descobriu que era europeu. E ele explicou mesmo, não alemão especificamente; europeu. A gente ali descobre que é. Na Inglaterra, eu descobri que era católico, antropológicamente falando. Eu, que não sou, nunca fui. A antropologia era completamente diferente. E depois, nos Estados Unidos, descobri que era europeu.

M.G. – Então, vamos a retomar o teu percurso.

M.C. – Exato. Eu entrei para o GIS a convite, eu imagino, do professor Sedas Nunes, mas intermediado pela minha querida amiga Eduarda Cruzeiro, a quem eu apenas pus uma condição. Nessa altura, eu vivia lá em Sintra, para lá de Sintra, perto de Nafarros, e a condição era que não tinha obrigação de vir todos os dias, que eu viria quando tivesse aulas no ISCTE, mas o resto do tempo, eu preferia ficar lá, porque até eu trabalhava melhor e escrevia melhor etc.

Ah, em Oxford ainda, finalmente, no último ano, eu disse: “Bom, é agora ou nunca”, e fui buscar a tese. E tal como ela estava... Dei-lhe nada, uma pincelada no francês. A Fundação Gulbenkian deu-me o seu primeiro apoio, 30 contos, creio eu, para pagar a datilografia da tese, lá de umas senhoras, lá em Oxford, que não sabiam muito bem francês, de modo que talvez... Quer dizer, foi moroso. E entreguei a tese em 1978, no princípio do meu último ano em Oxford, e depois defendi, em maio, em Paris, em uma sessãozinha muito discreta: estavam com uns amigos; com o Pierre Vilar; o grande historiador francês de Portugal Albert Silbert; e para a dimensão rural, que, já na altura, já estava muito desenvolvida e que tinha sido o meu primeiro motivo de investigação, a propósito da questão da reforma agrária, um grego chamado Kostas Vergopoulos, que era um economista político e social do mundo rural grego, mas não só. Tinha uma teoria. Portanto, na linha, digamos, do neopopulismo, que eu depois trabalhei, como sociólogo rural, na base dos russos, do Tchayanov etc.

O meu mal foi interessar-me sempre por tudo, e depois acabei por não me concentrar numa coisinha só, que me desse uma imitação do Prêmio Nobel. Não, mas não estou arrependido.

E quando fui para Oxford, interrompi, digamos, o meu pressuposto de que voltando, reintegraria. E assim aconteceu. Voltei para o ISCTE, do ponto de vista da docência, e para o GIS, do ponto de vista da investigação. Nessa altura, já não fui dar história, porque entretanto, e justificadamente, a professora Miriam Halpern tinha ficado com as cadeiras de história

Transcrição

enquanto eu estava fora, e como se diz, quem vai ao mar não guarda lugar. E ela ficou com a história e procurou-se o que eu ia...

Em Oxford, eu já tinha desenvolvido... Digamos, comecei a me afastar da história, pelos estudos... *social studies*, *social sciences*. De fato, se alguém me perguntar o que eu sou, *I am a social scientist*, no sentido realmente. Tenho uma boa base em história, uma base em sociologia, um bocadinho em ciência política e agora ando a aprender psicologia social. Portanto, um cientista social multimútu, com os inconvenientes de uma especialização incompleta. É o preço. Às vezes, descubro a pólvora que já tinha sido descoberta. Mas não é pior. Descubro qualquer coisa e é fantástico. Depois descubro que alguém já tinha descoberto isso antes e digo: “Bom, então não deve ser uma má ideia afinal”. Porque a originalidade é *trick*.

H.B. – [Inaudível].

M.C. – Exatamente, é *trick*.

H.B. – Mas é interessante isso, essa flexibilidade de uma formação em história e poder dar um curso de sociologia. Então não havia uma cerca muito...

M.C. – Não, não. O ISCTE era fantástico porque era um curso em construção. Literalmente, era um curso em construção. Nós éramos todos iguais. Praticamente não havia nenhum sociólogo de base, de formação. O João Ferreira de Almeida é de direito, quer dizer, é um autodidata em ciências sociais. E todos os outros. Os mais próximos eram os que vinham da economia, como Madureira Pinto. O Boaventura de Sousa Santos é licenciado em direito e com trabalhos e publicações em direito. Não digo das obrigações, mas pouco menos. Bom, tem uma coisa muito boa sobre a abolição da pena de morte em Portugal, em 1967, creio eu, mas tem publicações de direito no *Boletim da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra*, que era... Aliás, um ambiente onde ele era... tinha uma posição marginal, mas muito conservadora. Ele pertenceu àquela coisa do CADC, do Centro Acadêmico Democrata-Cristão. [Inaudível]. E descobriu, informação de Bolivar Lamounier, e descobriu o marxismo e doutrinas semelhantes no pior sítio possível para o descobrir, que era o campus de Yale, onde Bolivar Lamounier também estava e o conheceu, quando ele desembarcou, e depois fez o seu trabalho de campo no Brasil. Isso vocês já sabem e ele já contou.

Transcrição

A.C. – Já contou.

M.C. – Mas ele contou quem é que imprimiu a tese dele? Não contou. A tese dele nunca foi publicada. Existe uma versão mimeografada que ele mostrou, que eu vi, feita, materialmente, pelos dominicanos de Cuernavaca.

A.C. – Ele contou-nos que tinha lá estado, mas não falou da tese.

M.C. – Foram eles que imprimiram a tese dele. Portanto, Ratzinger tinha razão, que a teologia da libertação não é um bom caminho, não leva ao bem ou, como ele chamou agora, “ao centro do catolicismo”. [**Inaudível**]. Há umas coisas que podem... Mas esta era mais... Levava para fora. Ivan Illich, não sei se ele estava lá na altura. Foi aí que foi feito. Bom, digamos, é a origem intelectual dele, e é totalmente respeitável, como é evidente.

Voltando a mim, quando regressei, regressei um académico. Estava completamente desligado da atividade política. Portugal estava a construir a sua democraciazinha e parecia muito bem – depois viu-se que muito mal, mas é fácil dizer, 30 e não sei quantos anos depois. Na altura, eu penso que, aliás, até estava muito bem. Depois é que se foi tornando mais complicado, a partir do... O socialista teve a ingrata missão histórica de desfazer a revolução. Tem sido uma chatice até hoje, porque, enfim, não devia ser... Mas não é a primeira vez, porque [**inaudível**] também passou por aí. E outras. E foram as aulas no ISCTE, fantásticas. Não, não havia problema nenhum. Eu não sei quem é que dava sociologia do trabalho. Quem dava sociologia...

Digamos, quem fez a sociologia do trabalho do ISCTE foi João Freire. O João Freire tinha feito... Enquanto era guarda-noturno num hotel em Paris, inscreveu-se, sem dizer a ninguém... Eu só soube isso muito mais tarde. Eu dava-lhe umas sabatinas e tal e ele... Ele tem isso contado, e vocês vão falar com ele e ele contará. Enquanto lia e se atualizava, recuperava o tempo perdido em relação ao marxismo e companhia, foi, sabiamente, inscrever-se em Sciences Po e fez o curso de Sciences Po. Três anos de Sciences Po é... Quer dizer, o João tem uma base muito sólida – provavelmente, da sociologia francesa clássica. Deve ter sido o único sociólogo português que leu Raymond Aron. Tu leste?

Transcrição

A.C. – Sim.

M.C. – Bom, tu leste alguma coisa, vá lá, mais do que eu então. O Raymond Aron, eu só comecei a achar que devia ser mais interessante do que eu o julgava quando me apercebi de que o [inaudível] tinha feito o doutoramento com ele, e o Bourdieu, evidentemente.

A.C. – Bom, tu ainda não sabias o que vinhas dar. Já não era história.

M.C. – Não. Vim dar sociologia rural. Ela tinha perguntado como é que se improvisava um sociólogo. Improvisando.

H.B. – E o que era a matéria de sociologia rural?

M.C. – Era... Quer dizer, a sociologia rural... Não me faças pensar nisso outra vez. Era infinita. E com o exemplo português ainda muito vivo, numa reestruturação final, digamos, para descobrirmos, nomeadamente, a modalidade... Escrevi várias coisas sobre isso, até há uma ou duas nunca publicadas na íntegra, sobre o que nós chamamos a “agricultura a tempo parcial”, quer dizer, a combinação... Aliás, clássica: Lenin já tinha encontrado isso na Rússia. Mas aqui, duradoura. Justamente, tive essa discussão uma vez com Godelier. Godelier dizia “*C’est en transition*”. E eu dizia: “*Non, ce n’est pas en transition; c’est un système en lui-même*”, quer dizer, distribuído entre o marido e a mulher e os filhos, portanto, toda a ideia da economia familiar. Os populistas russos, o Tchayanov em particular, mas uma espécie de discípulo longínquo, um polaco chamado Tepicht, *Marxism et agriculture*. Portanto, compreender a especificidade da agricultura camponesa, o que permitia, simultaneamente, dizer algo sobre o latifúndio e o proletariado rural, que em Portugal é uma figura histórica fantástica e que ainda, um resto disso, é uma parte muito significativa do eleitorado comunista, que tinha passado de um libertarismo, no princípio do século, no tempo da república, passou com armas e bagagens para o PC e que, ao mesmo tempo, forneceu, durante décadas, talvez quase um século, mão-de-obra para as fábricas aqui da “cintura vermelha” de Lisboa, desde Amadora até Vila Franca, e passando para a margem esquerda – sobre a qual, aliás, há um belíssimo livro de uma geógrafa –, a margem sul do Tejo, que ainda hoje tem quatro ou cinco câmaras comunistas. Até Setúbal tem umas seis ou sete. Mas as quatro aqui em frente que fazem... em frente do mar, ainda hoje

Transcrição

aguentam um prefeito comunista, e que fazem o seu trabalho, hoje muito bem feito – certamente melhor que todos os outros, com as exceções habituais de regra.

Portanto, a questão agrária em Portugal por si só era um tema, mas nós fazíamos realmente uma sociologia rural, uma sociologia da agricultura, do abandono da agricultura, da articulação do urbano com o rural. O curso começava, não sei se o primeiro, mas quando estabilizou, começava com um texto de Orlando Ribeiro sobre o campo e a cidade. Quer dizer, o rural só nasce quando nasce o urbano, e portanto há uma articulação desde o início, e portanto a ideia foi sempre conservar essa relação.

Ainda outro dia eu expliquei, com muito êxito, as pessoas perceberam perfeitamente, lá no Porto, como é que o campo foi destruído, não porque tivesse sido abandonado, mas porque foi invadido, com a periferização, e as casas entraram pelo campo e pelas hortas e foram destruindo o *animus*. Isto era a propósito do rendimento mínimo em Gaia e Gondomar: populações desestruturadas por esta penetração, esta invasão.

Tínhamos o tema. Eu escrevi... Escrevemos um livro, com o João Ferreira de Almeida e Eduardo de Freitas, sobre... *Estruturas agrárias em Portugal*, acho que é assim que se chama, um livro que esgotou, na altura, cuja introdução teórica é minha. Nós não assinamos as partes, mas basicamente é minha, com tudo que eu tinha trazido de França e de Inglaterra. E a introdução desses temas, eu traduzi do francês, de uma tradução de Samir Amin do texto clássico do Tchayanov sobre o modo de produção camponês. Há um modo de produção camponês em si mesmo. E havia matéria. Nunca ninguém se queixou de falta de matéria. Era mais o contrário.

A.C. – Manuel, acho que era a altura boa para encadear os teus temas de pesquisa e de publicação a partir daí.

M.C. – Das publicações, é relativamente fácil. Hoje eu já percebi qual é o meu sistema de publicações: há a minha pesquisa e há, que deve ser quase metade, as solicitações, muitas solicitações. Que desviam-me. Bom, e tenho, sei lá... Poucos temas há que eu não tenha tocado. Até a educação, por exemplo. Tenho um texto sobre a escola hoje, a pedido do Novas, que é o reitor, o meu reitor. Na altura, não era meu reitor, mas tínhamos uma boa relação e pediu-me. E aí, a esse propósito, tenho esse livro do *Sucesso e insucesso*. É uma solicitação, vinda de quem vem, isto é, da Gulbenkian, irrecusável, e portanto, eu tive que inventar o formato, com o

Transcrição

Alexandre Castro Caldas, que foi o meu principal interlocutor, para fazer aquilo. Mas há infinitas. E agora há uma questão de ver, sei lá...

Aquilo que acabou por funcionar como a introdução dos *Itinerários*, do ICS, que é este sobre a investigação como profissão e como vocação, que é uma glosa weberiana explícita e deliberada, nasceu de um convite do Nova, o reitor, para eu fazer aquilo que se chama, aqui em Portugal, uma oração de sapiência. É o discurso acadêmico da abertura do ano escolar. E eu fiz. Tem uma parte de política científica, com algumas críticas que o ministro, naturalmente, não percebeu, nem ouviu, nem quis saber. Porque tendo sido, em todo caso, um amigo próximo, tornou-se um bocadinho surdo a qualquer proposta.

Até me inspirei bastante do que eu conheço **mal** da organização do sistema científico brasileiro, que, evidentemente, tem a seu favor a escala, mas por outro lado, a seu desfavor teria, digamos, os recursos proporcionais menores. Hoje Portugal faz mais doutores *per capita* do que o Brasil. O que é uma novidade, porque não fazíamos. Não fazíamos. É recente. Mas é normal. Seria normal, [**inaudível**]. Mas temos uma organização que eu acho muito indiferenciada. A equipe do senhor Mariano Gago não só discorda como tem mil explicações convincentes para me demonstrar que eu estou equivocado. E talvez esteja. De qualquer maneira, não faz mal a ninguém, até porque está tudo dito muito suavemente e tão evidentemente quanto possível.

Quer dizer, metade das coisas que eu tenho escrito nos últimos anos são solicitações, que às vezes me fazem sair do meu. O resto, como é que funciona? E respondo também a pergunta como é que se inventa um sociólogo. Porque eu sou um cientista político, também, se eu quisesse.

A.C. – É claro.

M.C. – E sou sócio, aliás, da associação e até já fui convidado para os corpos gerentes. Tenho artigos quase *mainstream*. É tudo *mainstream*, menos as conclusões. As conclusões é que faço questão que não sejam. Mas o resto é. Quer dizer, tem análises fatoriais, regressões lineares e mostra a variância explicada do modelo, portanto... Com a ajuda das colegas que fazem lá o SPSS. Eu até já sei o que pedir. Já sei o que pedir. “Faz-me aí não sei quê. Força-me aí a rotação.” Já sei isso. Porque eu gosto. Minha mulher odeia. “Perdes tempo a fazer essas porcarias que ninguém lê, que não interessa a ninguém, estatísticas!” Ela é uma historiadora de

Transcrição

arte e artista, de modo que tem um problema com as estatísticas. Mas eu não tenho problema nenhum com as estatísticas, sempre adorei.

E como é que isso acontece? Porque essas disciplinas são suficientemente moles para que nós as possamos aprender em qualquer altura da nossa vida. Não é como a física, evidentemente, e não é como o violino. O violino, se aos 15 ou 20 anos não tocas bem, nunca vais tocar bem. Aqui não, graças a Deus. Metade dos autores são comuns. Os clássicos são todos comuns. A primeira pessoa que descobriu que os solteiros e viúvos votavam menos do que os casados foi o Durkheim. Quando hoje vem um colega meu aqui do lado mostrar-me isso... *Please*, me poupa! Portanto, não é preciso toda aquela...

De onde é que vem a fantasia da ciência política? Vem dos números. Porque há as eleições, há... É um bocado como a demografia, quer dizer, há muito número e, então, mete-se aquilo tudo dentro do computador, carrega-se nas teclas antiquadas e saem coisas. E às vezes também há algumas hipóteses.

E eu continuei e tenho muita coisa debaixo do braço, e tenho muita coisa de Oxford. Oxford, do ponto de vista da produtividade... Oxford era: oito horas para dormir, oito horas para viver e oito horas para trabalhar. E oito horas seguidas de trabalho intelectual, normalmente, é mais do que uma pessoa aguenta. Às vezes a gente faz dez horas, doze horas seguidas, mas no dia seguinte tem que dar uma descansada, não é? É muito ali. Só. Mais nada. Só em todos os sentidos: só aquele trabalho e só a pessoa. E, digamos, com toda a informação praticamente ao alcance da mão, mesmo antes da informatização, porque não estava informatizado.

Ah, depois tive um intervalo: me entretive em informatizar a Biblioteca Nacional.

M.G. – Era essa parte que faltava, a nível das tuas atividades relevantes.

M.C. – Pois já conto. Isso foi a única coisa boa da minha carreira política até hoje.

M.G. – Foi em meados dos anos 1980.

M.C. – Foi de 1985 a 1990.

M.G. – Estavas no ISCTE ainda.

Transcrição

M.C. – Estava ainda no ISCTE. Depois, em 1982, fui me afastando do ISCTE, quando o ICS foi oficialmente criado como uma unidade orgânica da Universidade de Lisboa e foi criada a carreira de investigador. Eu não sou da mesma carreira que eles. A minha carreira é paralela, em todos os sentidos, mas eu sou investigador. Inclusivamente, em dedicação exclusiva, eu posso não fazer rigorosamente mais nada e não dar aulas, e [inaudível] já não dou. Deixei de dar aulas de graduação em 1987 ou 1988, porque já não aguentava. Estava na Biblioteca, continuava a ter aqui umas coisas e eu próprio me sentia mal, porque não tinha tempo para preparar, era obrigado a faltar, porque, de repente, tinha que ir ao ministro, ou que ir ao Porto, e desisti e nunca mais dei.

Quando saí da Biblioteca, voltei a dar, no ISCTE, mestrado. Dei mestrado, uma coisa que eu gostava que se tivesse chamado filosofia das ciências sociais, de propósito e para chatear, mas que a Miriam se opôs terminantemente, considerando que isso era metafísica. Estou a citar. E então ficou introdução às ciências sociais, ou teoria das ciências... Não sei, já não lembro. E dei isso durante dois ou três anos. Permitiu-me, obrigou-me a reatualizar e ir refazer leituras, outras leituras novas.

Fui sempre mais atrás dos objetos. Atrás dos objetos: os camponeses apareceram e então fui atrás deles. Vinha dos operários, depois encontrei os camponeses, fui atrás deles e, a certa altura, eles levaram-me ao Estado-providência, ao *welfare state*, aqui em Portugal, por causa da história da articulação e das pensões, do sistema de pensões, dos velhinhos que se jubilavam, se aposentavam, que iam para a aposentadoria, mas que ficavam a trabalhar, e as esposas que tiravam o leite. Se a senhora morre, o que é raro, porque nós é que morremos, em geral... Somos poucos os que assistimos à morte das...

H.B. – Mas as mulheres também morrem.

M.C. – Sim, mas nós não sabemos, porque não estamos cá para ver. Portanto, vocês dizem que morrem, mas eu não... Acredito quando vir. Mas quando, excepcionalmente, a senhora morria... Isso foi-me explicado por um, à porta da casa que eu tinha em Sintra. Ele deixou de ter vacas porque não havia ninguém para mungir. E eu disse... Não havia ninguém para mungir, e eu nem sequer lhe perguntei: “Então, e o senhor, por que não...?”. Porque não. Por quê? Porque não. Porque na divisão sexual do trabalho, não cabe aos homens. Se calhar, um dia ele poderia, mas

Transcrição

não se via. Então, mudou de tipo de gado e readaptou a estrutura da sua minieexploração agrícola.

Isso aliás continua. Ainda no fim de semana passado, uma senhora lá no Alentejo me explicou que as pessoas, quase tudo aposentado, com aposentadorias que em Portugal são muito baixas, da ordem dos 300 ou 400 euros, subsistiam porque faziam muita autossustentação e até alguma venda, alguma especialização. Ela própria tinha uma minifabricazinha de queijos, requeijões e mais não sei o quê. E agora estava com problemas porque não vendia, porque as pessoas não compravam. As pessoas estavam a entesourar. E em Portugal, quem mais entesoura é quem menos ganha. Devem ser os lá de cima, que entesouram, e os de lá de baixo. Os do meio... chapa ganha, chapa gasta. Pelo menos... Estou a falar por experiência própria.

M.G. – Mas este **período** teu na Biblioteca Nacional, **existe** ainda algum aspecto que te pareça relevante nessa tua trajetória?

M.C. – A Biblioteca foi uma experiência superinteressante, a qual eu, a certa altura, mesmo tive que resistir. Mas eu gostei de lá estar, gostei de sair, correu tudo bem. O meu objetivo principal, que era a informatização, foi conseguido, não só da Biblioteca Nacional, mas do sistema de bibliotecas. Isso existe hoje, chama-se a Porbase. Foi no meu tempo. Com uma colaboradora notável chamada Luísa Cabral – *no family*. Era *family* do João Serra, do Bonifácio Serra. Foi casada com o Serra.

Foi uma experiência ótima e foi a única coisa da minha carreira política. Porque depois de voltar da Inglaterra, continuei me mantendo completamente afastado, não escrevia em jornais, ninguém me perguntava nada, e eu também não ia dizer, e estava muito, muito, muito dedicado, não tanto... acho que posso dizer, vocês conhecem, dedicado não tanto à carreira, mas ao trabalho, quer dizer, às coisas giras, ótimas, gratificantes que tinha para fazer, e a carreira ia acontecendo.

Quer dizer, naturalmente, fui dos primeiros a doutorar. Cheguei... Foi muito engraçado, porque eu estava indigitado para presidente do Conselho Científico do ISCTE, que era minúsculo – éramos quatro ou cinco e tínhamos que pedir pessoas emprestadas porque não tínhamos o número mínimo... Sim, aquele Pina Prata. Vocês não se lembram dessas histórias. O João ainda não estava doutorado; o Madureira Pinto tecia doutorado entretanto, mas estava no Porto; havia a Miriam, mas que era uma historiadora, historiadora, historiadora; e havia o

Transcrição

senhor da matemática, que depois morreu; **[inaudível]**; o Murteira, economista... Enfim, éramos quatro ou cinco. E na verdade, o único sociólogo era eu.

E também foi nessa altura que iríamos criar a Associação Portuguesa de Sociologia (APS), por forte incentivo dos americanos. Várias vezes. Sobretudo de um homem chamado Harry Makler. Ele vinha e... “Tens que fazer. Tens que fazer.” “Então, vamos fazer.” Tinha o João... Depois o João acabou por ser o presidente, porque entretanto eu fui convidado para a Biblioteca.

Em 1983, um homem, uma figura muito importante em Portugal e que é um grande amigo, sendo uma pessoa muito particular, de quem muita gente não gosta, por isso mesmo, que é o Pacheco Pereira, ele trouxe-me para a política, para apoiar o dr. Mário Soares, ali na altura de 1983. Basicamente, apoiar o dr. Mário Soares contra o Partido Socialista. Digamos, dentro e contra, que era uma coisa que eu sempre tinha rejeitado e que todos os meus instintos figadais me disseram que não se deve fazer, que é trotskismo, que é essas coisas todas. Porque eu tenho todos os defeitos, mas nunca fui trotskista. Realmente fui tudo, mas trotskista nunca. E essa ideia do dentro e contra, que aliás é uma ideia comunista antiquíssima, da infiltração e não sei o que, que eu também tinha feito com os jornalistas, porque fazíamos tudo que podíamos, e muito bem, e minávamos a sociedade e um dia sairíamos nós do bolo, ou como os mafiosos, por trás do bolo [*fazendo o som de uma metralhadora*]. E ele convidou-me e fui ao Porto apoiar o dr. Mário Soares, que eu conhecia muito bem, mas à distância. Inclusivamente, tinha-o encontrado várias vezes em Paris, quando ele próprio esteve exilado. Tínhamos um grande amigo comum, que é um sobrinho dele que é cineasta, que continua sendo meu grande amigo, e só não é mais por causa do tio, porque às vezes eu digo coisas que ele, como sobrinho, não aprecia.

Eu dei-me muito bem e conheço muito bem o dr. Mário Soares. Conheço muito bem e acho que conheço muito bem as qualidades e também os poucos defeitos que ele terá, mas que, a certa altura, podem tornar-se grandes. Poucos, mas às vezes grandes. A par de ser o maior sedutor de mulheres, cães, gatos, homens, tudo. Põe a mão na perna, mesmo dos homens. É difícil resistir. E então um dia, ao fim de...

Pronto, e entramos. Entretanto, fizemos um grupinho político – felizmente, durou pouco tempo –, o Clube da Esquerda Liberal. Os franceses acharam uma expressão genial. Acho que eles também, já depois, tiveram *une gauche libérale*. É fácil definir. Para mim, eu continuo a ser da esquerda liberal, isto é, liberal em política e igualitário em esquerda, no social e na economia. Igualitarista e liberal em política.

Transcrição

Neste momento, por exemplo, eu considero que teria sido muito melhor para Portugal e para todos nós que, em vez de ter um imposto sobre o ordenado, nos tirassem o ordenado, mas que o Estado, e em particular este governo, metesse no bolso o meu dinheiro para fazer com ele o que ele quer e que normalmente não é grande coisa. Então era preferível que não houvesse dinheiro. Esse dinheiro **há que** morrer. Não existe. Pronto. O décimo quarto mês que a gente tinha, deixou de ter, ponto final, parágrafo. São 7% do nosso rendimento. Não é pouco, mas isso podia ser modulado, e deveria, naturalmente, ser modulado. Mas não. Mas não. Claro! Em vez de aumentar o **IVA**, que vai, evidentemente, diminuir... enfim, vai ser mais um empecilho ao desenvolvimento econômico, cortavam na despesa. Nesse sentido, sou cada vez mais liberal, devo dizer. Mas, enfim, isso é conjuntura.

E fundamos esse clube. Foi engraçado. Era uma ideia engraçada. No fundo, a certa altura... Era um bocado... uma espécie de centrismo radical e muito antipartidos. Muito, muito antipartidos. Contra a organização partidária e os seus alçapões oligárquicos. Quer dizer, **[inaudível]** *writes again*, e nunca deixou de *write*. Por mais que a gente pretenda reinsuflar vida naqueles corpos, aqueles corpos tendem de fato para a mumificação, naturalmente.

Bom, e como prêmio dos meus trabalhos, o dr. Mário Soares, a certa altura... A pessoa que ele tinha nomeado para a Biblioteca Nacional era um louco furioso – cujo nome não citarei, é fácil de saber –, tencionava reformar o país inteiro a partir da Biblioteca Nacional e não sei o quê. E também lhe tinham dito: “Ah, era gira informatizar”. E ele disse: “Bom, então eu vou fazer uma linguagem”. De modo que eu penso que ainda esteja, porque ele ainda vive. E então, eu cheguei uma vez de férias, de França, no princípio de janeiro de 1985, e tinha um recadinho que o senhor primeiro-ministro queria falar comigo. Eu pensei: “Deve ser uma politiquice qualquer”. Ligo e a dona Otilia, a sua secretária, diz: “Agora o dr. Soares está numa reunião, mas ele quer falar consigo”. Dali a bocado... *[Faz o som de uma campainha de telefone.]* Eu fiquei ali a olhar para o telefone, à espera e tal. Eu parecia quase que o *Discours amoureux*, do Barthes, quer dizer, do apaixonado a olhar para o telefone, à espera que toque. “Então, está bom? Estão de férias?” “Ah, desculpe”, quer dizer... “Bom tenho aqui uma coisa para lhe dar.” E eu disse então: “E o que é?”. E ele disse: “A Biblioteca Nacional”. “É, isso é grande. Isso é um presente grande.” “Pois é. Quer?” Eu disse: “Vou perguntar a duas ou três pessoas”. “Mas seja rápido.” E perguntei a duas pessoas: perguntei ao professor Adérito Sedas Nunes...

Eu nunca fui um discípulo de Adérito Sedas Nunes. E não digo isso nem com orgulho nem sem orgulho. Nunca fui, ao contrário da maioria dos meus colegas da minha geração.

Transcrição

Foram discípulos, de resto, quase todos, digamos, emancipados, completamente emancipados, mas suficientemente adultos para também não serem contra. Enfim, terá havido um ou outro. Desses, reza pouca história, infelizmente, porque justamente... Eu nunca tive problemas, porque quando eu me encontrei com ele, eu, do ponto de vista intelectual, *mark my note*, do ponto de vista intelectual, eu já era uma pessoa bastante crescida. Dos outros pontos de vista, alguém dirá, mas desse ponto de vista, eu tinha já visto muito, sobretudo depois de Oxford. Então, aí eu estava com a barriga cheia. E ele estava todo contente que eu me tivesse doutorado. Entretanto, o Vasco já tinha, o **Mena** tinha, mas, praticamente, creio que éramos só nós, e eles não eram muito institucionais, e eu, apesar de tudo, com esta rebeldia toda, fui sempre um institucional, é engraçado, completamente institucional, quer dizer, muito... Enfim, [**inaudível**] e tal.

E então fui perguntar ao Adérito, e ele disse assim: “O Manuel vai, com certeza, fazer um grande lugar. Só é pena ser tão vaidoso”. [risos] O que eu acho que é injusto, mas, enfim, pronto, tive que ouvir. “É pena que seja tão vaidoso. Mas tenho a certeza que vai fazer um bom lugar.” E depois fui perguntar à minha mulher e ela também disse que sim. Ela, coitada, como francesa, estava sempre pouco dentro da realidade. Entretanto, ela tinha começado a dar aulas. Ela é professora, e ainda é hoje, no Liceu Francês, aqui em Lisboa.

E foi um período ótimo. Eu mantive a vida acadêmica o mais possível, mas é fácil de ver, no meu CV, que há uma diminuição da atividade publicativa. Claro, isso há. Até escrevi sobre bibliotecas. Tenho um texto que eu incluo, que é um texto de... Não será acadêmico, acadêmico, mas é um texto *research*, quer dizer, que eu fiz alguma investigação, segundo a... Bom, tinha a experiência empírica e então li um pouco e escrevi. Escrevi para a França. Isso foi publicado em... Escrevi para a França, numa grande reunião da Bibliothèque nationale de France. Eu ainda inventei um *network* das bibliotecas europeias, para fazer *lobby* na Comissão e para extrair, sacar dinheiro à Comissão. E tive essa ideia. E uma vez fomos convidados pelo Jack Lang para uma daquelas grandes cenas à francesa, digamos, um Sarkozy *avant la lettre*. Mas olha que, com este lado, não era menos. E acabou tudo... Na Camargue, no sul da França, que é absolutamente maravilhoso, com cavalos correndo pelos pântanos. Mas aquilo é tudo pântano, tudo sapal. Vocês têm um nome para isso.

H.B. – Mangue?

Transcrição

M.C. – Mangue. Sim, como um mangue. Então, é cheio de mosquitos. Acabamos todos corridos, ele incluído, por uma praga de mosquitos desse tamanho. Eram aviões, caças sobre nós, e nós a fugir. E aí conheci o diretor da biblioteca francesa, e havia uns ingleses, e surgiu uma ideia de fazer uma rede. Mas, enfim, vaidoso, sim, mas não demasiado. Então me informei com os ingleses e com os franceses se eles achavam boa ideia. “Ah, ótima ideia!” “Então, se vocês quiserem, eu organizo a primeira reunião”. Organizei uma reunião fantástica, com pessoas maravilhosas. A secretária de Estado era uma das mulheres mais bonitas de Portugal, de modo que ficaram todos [inaudível]. Hoje, é administradora da fundação e continua a ser muito bonita. Só que entretanto se passaram 25 anos. Mas normalmente as mulheres... *Once beautiful, always beautiful*, é a minha experiência, e uma experiência já longa. De modo que foi uma experiência ótima.

E a certa altura, por razões pessoais também... Porque entretanto, entro em processo de desquite, do segundo desquite, quando conheci a minha futura terceira esposa, que continua – portanto, só tem 25 anos. O fato é que sou muito velho, por isso que também já deu para várias monogâmias...

M.G. – Sucessivas.

M.C. – Isso. Sou estatístico. Estatística. Uma vez, estive nos Estados Unidos, no campus de Chapel Hill, da Universidade da Carolina do Norte, com Gray Calum. Gray Calum, nós conhecíamos de... era estudante em Oxford. Bom, isso de Oxford, deu para ficar a falar das pessoas que eu conheci o resto da vida, porque, claro, aquilo era uma plataforma giratória, depois da qual eu descrevo... Sei por onde descrever a pessoa que encontrei. “Você lembra-se?” Bom, uns lembram-se, outros não se lembram. Outro dia entrou aqui o Peter Hall e eu fui assistir e depois, no fim, fiz uma pergunta e ele respondeu: “*Now, the question* [inaudível]”. Até eu fiquei admirado, porque a última vez que eu o tinha visto era há 15 anos. E os outros todos... Aí está. Porque as pessoas circulam e uns lembram-se e outros não se lembram. Mas conheci, como toda a gente, [inaudível]. Quer dizer, conheci não. [Inaudível] não se pode dizer que conheci. Mas todos aqueles que circulavam por ali. Agora perdi-me. Eu estava aonde?

M.G. – Estavas falando da Biblioteca Nacional.

Transcrição

M.C. – A rede. Sim, como é que eu saio? Portanto, razões pessoais, uma certa instabilidade emocional para pôr as coisas em termos neutros, e também comecei a pensar: “Bom, mas eu vou ficar aqui para sempre?”. A situação política... Ah, porque eu passei de um governo para outro. Portanto, eu tinha sido convidado pelo Mário Soares, esse governo acaba, e não acaba bem, vem o atual presidente da República, o dr. Cavaco, que era uma pessoa completamente diferente, mas que levou esta jovem que era uma alta funcionária do Ministério da Cultura de secretária de Estado – chama-se Teresa Gouveia –, que tinha trabalhado fisicamente na Biblioteca Nacional e que eu conhecia e o Fernando Medeiros conhecia – tratamos por tu, até porque, enfim, ela também não tem idade para que eu a trate por minha senhora. E depois eu disse: “Queres que eu fique ou que queres que eu vá embora?”. “Ah, não, fica.” Ela estava um bocado atarantada e até estava contente por ter uma pessoa amiga. E assim foi. E correu muito bem.

Mas eu também comecei a ver que ficava fora. A situação política começou a se... E começou a haver burburinhos de que ela sairia. E eu fiz uma pesquisa e houve pessoas que me disseram: “Sim, não é impossível que isso venha a acontecer etc., etc.”, e eu antecipei-me. Havia umas eleições, na quinta-feira... Nós votamos sempre no domingo. Então, na quinta-feira, ao fim do dia, eu mandei a carta de demissão; na sexta de manhã ela chamou-me... Ela é muito dura, é muito *matter-of-fact*. E então ela disse: “Mas por que queres ir embora?” Eu disse: “Ah, eu não consigo pensar em mais nada, é só a biblioteca”. “Mas dá assim tanto trabalho?” E eu disse: “Até sonho com a biblioteca”. [**Inaudível**] 24 horas por dia. Então, depois disse-me: “Tens certeza?”. E eu perguntei a mim próprio se tinha a certeza e a resposta era não, não tenho a certeza. Mas disse: “Tenho”. Ela também não... “Ah, não te vás embora. Fico aqui sozinha.” Não, nada disso. Depois viu-se aflita, talvez. Não, ela não se viu aflita porque ela ainda foi corrida primeiro que eu. Eu depois ainda fiquei quatro meses, demissionário, à espera de que eles encontrassem alguém. Porque ela é que foi substituída, como secretária da Cultura, por telefone, por aquele indivíduo – com quem eu ainda fui a despacho uma vez, mas não conto a história porque não tenho tempo e porque não se pode contar diante de senhoras. Tu não imaginas.

M.G. – O Santana?

M.C. – Sim, exatamente.

Transcrição

A.C. – Já me contaste esta história, mas não vou revelar.

M.C. – Não se pode.

A.C. – Helena, para acabar...

H.B. – A sua trajetória é tão rica de contato com países diferentes e tudo, e nós temos uma motivação grande nesse projeto de ver como é que os cientistas sociais se relacionam nos países de língua portuguesa, então, talvez desse tempo de falar um pouco da sua...

M.C. – Sim. A minha relação com o Brasil, eu já dei para vocês até um relatório que eu fiz da minha visitação.

H.B. – Mas, quem sabe, falar um pouquinho dessa... Quando é que entrou o Brasil?

M.C. – O Brasil entrou em final dos anos 1970, em 1978 e 1979. Deve ter sido entre 1979 e 1980. Entre 1979 e 1980, porque eu voltei da Inglaterra em 1979. Apareceu um grupo, Wanderley Guilherme dos Santos, Fábio Wanderley Reis, Renato Boschi, Sérgio Abranches, e já não é pouco, e talvez ainda houvesse mais, mais um... Ainda havia mais um que eu agora não estou lembrado. Iuperj e Minas. Eles tinham feito uma missão na Europa e tivemos um encontro, creio até que na Gulbenkian de Oeiras. O contato deles era o Manuel Braga da Cruz, um colega nosso que atualmente é reitor da Universidade Católica, cientista político, historiador e cientista político, todos feitos... Esse é sociólogo, de Roma, da Pontifícia. Foi esse grupo. E Bolívar Lamounier, claro! Até porque Bolívar Lamounier, um ano depois, ele cria lá o instituto dele em São Paulo, o Instituto de Desenvolvimento...

H.B. – O Idesp [Instituto de Estudos Econômicos, Sociais e Políticos de São Paulo].

M.C. – Isso, o Idesp. Ele cria e organiza uma grande reunião internacional, mas grande, fantástica, de gente... Adam Przeworski, David Epstein... E eu, não dava jeito ir, e então eu disse: “Mas eu tenho aqui um colega, o Salgado de Matos”. Mas o Bolívar insistiu, e eu disse:

Transcrição

“Não, mas agora eu já disse que o...”. “Não faz mal. Vêm os dois”. E lá fui. A minha entrada, eu entrei no Brasil por Congonhas...

H.B. – Pelo Idesp. Por São Paulo.

M.C. – ...nesse grande encontro, onde fiz amigos para a vida, Sergio Miceli; para a vida e para a morte, o grande crítico literário e embaixador...

H.B. – Antônio Cândido?

M.C. – Não, não. Mais novo do que eu, mas que morreu como embaixador e que foi um dos homens da vossa transição, porque ele estava lá, era conselheiro dos militares.

H.B. – José Guilherme Melchior?

M.C. – Sim, José Guilherme. O José Guilherme era um amigo... Quando eu estive em Oxford, mais tarde, quando ele estava na embaixada em Londres, eu ia à casa dele e falávamos tanto, ou eu falava tanto, que cheguei a ficar a dormir em casa dele porque perdi o último comboio. Mas agora não posso perder o comboio. [*Por já estar atrasado.*] O Brasil começou por aí, e todos estes amigos. E depois fui, logo em 1982, ao congresso da Ipsa, onde eu apresentei... Quer dizer, não tinha espaço para apresentar nada, e apresentei uma coisa que eu sempre trabalhei, em outra área, como historiador, que eu nunca larguei completamente, que é o fascismo, e sobretudo... Este era mesmo sobre a caracterização do regime. É um *paper* que eu tenho que nunca foi publicado. Esse *paper* nunca foi publicado, *Portuguese fascism in comparative perspective*. Agora **está traduzido** para português. Esse foi escrito em inglês com a ajuda do Jaime Reis. É onde eu apresento a minha tese sobre o fascismo português. Porque eu sou um dos dois únicos cientistas sociais portugueses que acham que se aplica bem o título de fascismo ao nosso regime, e dependendo um pouco também da definição de fascismo, naturalmente, e dos pontos de... E depois, tem sempre um argumento suplementar que eu costumo usar: é que irritava-os. Eles não gostavam que nós lhes chamássemos fascistas. Então, é por isso mesmo que eu lhes chamo fascistas. **Ok?**

Transcrição

M.G. – Obrigada, Manuel.

M.C. – Mas a gente faz outra.

H.B. – Faz. Tem que fazer.

A.C. – Claro, vamos continuar.

M.G. – Mas avançamos bastante.

M.C. – Já avançamos.

H.B. – Eu o espero então no Brasil?

A.C. – Essa parte do Brasil tem que ser desenvolvida.

H.B. – É, muito.

A.C. – E a parte, depois, da tua presença forte na mídia.

H.B. – Eu espero no Brasil? Eu não quero que você perca o comboio.

M.C. – Helena...

A.C. – Bomeny.

H.B. – Mas que maravilha!

A.C. – Essa última razão... As outras são boas, mas essa...

M.C. – Vou te dizer um segredo sobre isso que está a dizer: está tudo na maneira como se conta.

Transcrição

H.B. – Sim, eu sei.

M.C. – Está tudo na maneira como se conta. Não tem nada de sensacional, óbvio. Talvez o meu talento seja de... O meu talento...

M.G. – De contador de histórias?

M.C. – Exatamente, de transformar um percurso...

H.B. – Mas é verdade. Eu sei disso.

M.C. – ...numa história.

M.G. – É uma capacidade de comunicação fantástica. Mas é uma vivência tão rica.

A.C. – O vaidoso agora está a transformar. O inverso também não pode ser.

M.C. – Não, não. Estou a falar sério. É verdade.

H.B. – Mas a maneira como se conta...

M.C. – Se vês a autobiografia do Nabokov, é a história de um menino, [inaudível], mas contada por ele é uma coisa maravilhosa.

H.B. – Claro. E isso não é trivial, a maneira com que se conta.

M.C. – Por isso mesmo, não há vaidade. Isto é, há vaidade, mas *déplacée* para outro... Estamos em maio?

A.C. – Estamos.

M.G. – Quatorze.

Transcrição

M.C. – É pena não ser dia 13, dia de Nossa Senhora de Fátima e da falência, da bancarrota. O mês da bancarrota.

M.G. – Bem atenuada com a Nossa Senhora de Fátima e o papa, não é?

M.C. – Sim. Claro que atenuada. Não nos vão deixar. Era o que faltava, não é? Foi passada completamente...

M.G. – Foi. Subliminarmente.

A.C. – Tu lembras de um artigo muito importante que tu publicaste sobre a economia paralela?

M.C. – Lembro. Isso é o resultado das pesquisas da sociologia rural.

A.C. – Claro. Que é uma transição. Temas também, de certa maneira. Eu achei esse artigo fantástico.

M.C. – Eu sei. Tu o destacaste como um...

A.C. – Eu o descrevo como particularmente lúcido, interessante e articulador da...

M.C. – Não, modéstia à parte e com... eu acho que a minha contribuição é mais heurística do que sistemática, e sobretudo os resultados...

A.C. – Não, claro. Mas ainda bem.

M.C. – Exato. Cada um acaba por ter o talento que tem. Quer dizer, se tem algum.

M.G. – Manuel, fecha a porta do gabinete completa?

Transcrição

M.C. – Sim, fecho. Não, não. Vocês podem sair... Eu saio correndo, vocês fecham e depois dizem onde que deixaram. Não tem problema. A chave está aqui presa.

A.C. – Ok. Vai lá. Vai-te embora.

M.C. – O padre que espere. O papa que espere. *[risos]* Exatamente, vocês podem dizer que...

Participante – Esperamos o senhor no Brasil.

M.C. – Ah, eu estou indo. Estou fazendo a mala.

H.B. – Gente, mas é uma maravilha! Foi muito boa, não foi?

M.G. – Cinco horas. Já temos cinco horas.

A.C. – Mas é possível outras cinco, não é?

H.B. – Mas pelo menos a gente fez **[inaudível]**.

A.C. – Essa parte mais recente, não só do Brasil, mas também a presença pública que ele tem, como **[inaudível]** e que é cientista social ao mesmo tempo.

[FINAL DO DEPOIMENTO]